

Comunicação pela imagem: uma análise semiótica de fotografias de elementos religiosos da cultura indígena Xavante

Alail Cristina Abadia de Sousa¹

Mirian Barreto Lellis²

Marcelo Marques de Araújo³

Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, MT

Resumo

O presente artigo é resultado de um estudo dos conceitos da semiótica e da sociosemiótica e uma contribuição para a reflexão acerca da análise de tais ciências sobre a linguagem não-verbal contida em fotografias. Para tanto, utilizaremos em nossas análises os conceitos de A.J. Greimas e C.S. Peirce, como instrumento de conceitualização da formação da aculturação indígena. Escolhemos as fotografias registradas em visita à aldeia Xavante Cachoeira numa tentativa de demonstrar como o não-verbal torna-se verbal.

Palavras-chave: semiótica; imagem; religião indígena.

Abstract

This paper is a result from a study of the concepts of semiotics and social semiotics and a contribution to the reflection on the analysis of these sciences of the nonverbal language contained in photographs. To do so, we will use in our analysis the concepts of A.J. Greimas and C.S. Peirce, as a means of conceptualizing the formation of Indian acculturation. We chose the pictures recorded on a visit to Xavante Cachoeira village in an attempt to demonstrate how nonverbal language becomes verbal.

Keywords: semiotics, image, indigenous religion.

¹ Graduanda em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso. Campus Barra do Garças.

² Graduanda em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso. Campus Barra do Garças.

³ Pesquisador da área de Terminologia Comunicacional. Professor da Universidade Federal do Mato Grosso.

Introdução

Quando observamos os novos hábitos dos povos indígenas que habitam em nossa região, notamos que estes costumes se diferem daqueles por nós estudados e que foram internalizados no imaginário das sociedades a respeito dessas populações. Nos livros escolares nos é apresentado um arquétipo padronizado do indígena ao seu natural, sem vestes, corpo pintado e com ornamentos característicos. Tendo em mente esta problemática e sabendo que toda e qualquer coisa pode ser chamada de signo por ter e passar uma significação, este artigo pretende mostrar o quanto a semiótica está presente, numa simples foto, desde o seu conceito. Enfatizando a religiosidade indígena, carregada de influência monoteísta cristã vindo de encontro aos seus princípios. É a onipresença da semiótica de Peirce (1977), que se desenvolveu e continua a se desenvolver em Semióticas Especiais, pois segundo Santaella (1983), são semióticas que descrevem e analisam processos e produtos de linguagem, os mais diversos, que fazem parte do nosso dia a dia, tais como peças de teatro, filmes, programas de TV, uma luz e até mesmo o silêncio. E o que tomamos aqui como objeto de análise são imagens, fotografias especificamente, registradas na aldeia Cachoeira de etnia Xavante, propondo uma análise da aculturação religiosa, visando refletir a nova relação existente entre os costumes do índio e “homem branco”.

O Signo e a Semiótica

Para Peirce (1977, p. 46) “um signo, ou representamen é aquilo que sobre certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 2000, p.12). Dessa forma, o signo produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial. A partir da concepção triádica de signo, foram consideradas: a relação do signo consigo mesmo, a relação do signo com seu objeto e a relação do signo com seu interpretante.

A primeira relação (interpretante imediato) se trata da interpretabilidade no nível abstrato: as propriedades formais intrínsecas dos processos sígnicos, suas características materiais - estrutura e aparência das peças, cores, formas, combinações de códigos de

diferentes sistemas, hábitos de organização. A relação do signo com seu objeto (interpretante dinâmico) se refere ao efeito que o signo efetivamente produz em um intérprete: a questão da referência ao objeto - signos icônicos, indiciais e simbólicos e suas formas mistas de apresentação. Já a relação do signo com seu interpretante (interpretação), se refere ao resultado interpretativo a que todo intérprete estaria destinado a chegar se os interpretantes dinâmicos do signo fossem levados até seu limite último: a ação do signo numa mente potencial ou existente.

Sendo assim, a semiótica preocupa-se com diversas modalidades de representação, sejam elas verbais, sonoras ou visuais. Propõe-se a ir além das matrizes linguísticas, atentando-se para elementos que não se configuram imediatamente no domínio da linguagem verbal, mas se confinam num domínio que a transcende.

A imagem

Segundo Peirce (1977), a imagem é representação de algo e pode ser caracterizada segundo quem a lê, tornando possível uma leitura diferente para cada indivíduo, criando um universo de teorias e formas de interpretação. Neste sentido, percebemos a fascinação que uma imagem pode proporcionar, os mistérios que a envolvem e as diferentes leituras feitas por espectadores diversos, criam um universo de teorias e formas de interpretação.

A abordagem semiológica, com suas distinções entre diferentes níveis de codificação da imagem, fornece uma primeira resposta a esta questão: em nossa relação com a imagem, diversos códigos são mobilizados, alguns quase universais (os que resultam de percepção), outros relativamente naturais, porém jamais estruturados socialmente [...], e outros ainda, totalmente determinados pelo contexto social. (AUMONT, 2001, p. 150)

Dessa forma, a imagem pode causar uma ilusão deliberadamente, mas para que isso ocorra o sujeito tem de estar munido de determinadas condições psicológicas, perceptivas, além de culturais e sociais, caracterizando-se enquanto formação discursiva.

Aculturação e os índios Xavantes.

De acordo com Oliveira (1976, p. 104) a mudança aculturativa [aculturação] pode ser consequência da transmissão cultural direta, derivada das causas não culturais, tais como modificações ecológicas e demográficas induzidas por um choque cultural; pode ser retardada por ajustamentos internos seguindo-se uma aceitação de traços ou padrões estranhos; ou pode ser uma adaptação em reação aos modos tradicionais de vida. No sentido geral, aculturação é o contato entre diferentes culturas e a influência que elas propiciam. As mudanças causadas pela junção dessas culturas são chamadas de hibridismo cultural.⁴

As sociedades indígenas, no decorrer do tempo, com o desenvolvimento da região do Médio Araguaia se aculturaram e recriaram-se em novas sínteses culturais. Esta aculturação entre o índio e o não-índio serviu para suportar os impactos de uma nova realidade, contudo o indígena continua sendo índio com valores, diferenciações, e com graus diversos de inclusão e interação com a sociedade. Apesar de ser a pouco tempo analisada, a aculturação indígena não é um tema recente, ela vem desde o descobrimento do Brasil, quando a cultura européia começou a ser imposta aos habitantes locais por meio de práticas incomuns à cultura indígena como o modo de se vestir, de se portar, a forma de comércio primitivo (escambo) e a religião. Outros elementos também foram introduzidos no cotidiano do índio como as armas de fogo, a pólvora, a bebida alcoólica e tudo o que não existia em uma sociedade primitiva. O encontro dessas diferentes culturas caracterizou-se não só pela chacina de várias tribos, mas também pela brusca mudança da cultura indígena. Extinguiu-se línguas, mitos, costumes, conhecimentos, técnicas e artefatos, sem dúvida um patrimônio cultural que jamais será recuperado. Na realidade podemos afirmar que, desde a chegada dos portugueses ao Brasil até os dias de hoje, tem havido uma constante transformação na cultura indígena, reflexo da cultura do não índio.

Como resultado da miscigenação cultural é fácil encontrarmos traços da cultura do branco no cotidiano do índio. Hoje em dia já se tornou rotineiro encontrar um índio vestido com roupas e isso tem levantado um assunto de que a sociedade indígena já não é mais a

⁴ SOUSA, Lucia Soares. *Semiótica global, pós-moderna e pós-colonial*. Pg 187. In: *Semiótica: Introdução às Teorias Semióticas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

mesma, que perdeu grande parte de seus valores já que de alguma forma se deixou “seduzir” pela cultura do homem branco.

Atualmente, existe uma distância (pré) conceitual entre a sociedade civil e os índios, mesmo existindo uma aproximação espacial entre aldeias e centros urbanos, podemos perceber que ainda existe um abismo que não permite uma aproximação maior dessas sociedades. Essa ideia é um panorama comum pertencente a sociedade atual, uma vez que fomos habituados a pensar desta forma desde quando se estuda sobre o descobrimento do Brasil.

Religião

A religião foi o primeiro traço indígena que sofreu aculturação. Remetendo aos relatos históricos a primeira ação européia em terras brasileiras foi realizar um culto religioso nos moldes católicos, aproximando o índio de um costume até então, por eles, não visto nem praticado. Desde o tempo da colonização, os valores religiosos indígenas têm sofrido uma mudança assustadora, pois o branco em uma tentativa de civilizá-lo tem aniquilado sua identidade cultural.

É apresentado ao indígena, povo politeísta, um Deus onipresente e onipotente, destruindo assim suas raízes e criando vínculos com o cristianismo. Esta aproximação, afasta culturalmente a característica pertencente ao povo indígena, de cultuar diferentes deuses para cada tipo de manifestação física e da natureza.

Em pesquisa do censo do IBGE de 2000 para a população indígena da Terra Xavante, 56,3% se declarou de religião católica e 14,2% evangélicos. Aproximadamente um quarto (26,0%) se declarou “sem religião”. Os dados acima demonstram como a prática religiosa tem influenciado e se fixado no cotidiano desses povos. Contexto que pode ser percebido nas análises imagéticas da Aldeia Cachoeira de etnia Xavante.

Análise das imagens - religião



Estrutura da Igreja.⁵

A imagem vem reforçar as novas sínteses culturais e formações ideológicas, ela mostra o teto da igreja que se encontra dentro da aldeia Cachoeira. Uma construção circular que se assemelha a forma de uma oca tradicional xavante. É notável na imagem a presença da civilização branca: a madeira utilizada para a armação, a telha, a fiação elétrica e o relógio. A foto está na vertical, destacando a arquitetura do teto que possui formas retas e geométricas para formar o teto circular em forma de cúpula, característica de construções religiosas dos séculos passados. O ambiente possui luminosidade predominando as cores preta e marrom que se tornam harmônicas, contrastando com o branco do relógio e o azul do fio elétrico. O destaque é para o relógio, que é ícone e o objeto circundado representa o marcador de tempo, o qual para a concepção que o branco tem diante da falta de significação na relação do índio com o tempo, já que ele se orienta pelos fenômenos naturais.

Uma já notada aculturação nestas imagens é a própria religião incorporada nos hábitos indígenas. Culturalmente o índio cultua vários deuses da natureza e com a aproximação entre

⁵ Imagens registradas em visita a Aldeia Cachoeira, de Etnia Xavante – Nova Nazaré - MT em 19/04/2011.

índio e não índios, eles aqueles, por imposição dos colonizadores começaram a tomar para si as mesmas crenças dos homens brancos, justificando a construção de uma igreja de doutrina católica dentro de uma aldeia Xavante.



As Cruzes

A imagem registrada dentro da igreja local é rica em elementos a serem analisados. Nela vemos três cruzes, símbolos do cristianismo que são objetos circundados. Uma cruz de bambu que provavelmente foi feita pelos índios, uma outra talhada em madeira possivelmente feita pelo branco e um crucifixo, Cristo pregado na cruz, preso a parede, símbolo de redenção para os cristãos.

O que a história nos traz com a representação da cena da crucificação e morte de Cristo é que, segundo o sistema de valores cristãos, tal fato propiciou a salvação da humanidade. A representação constitui, por meio de um efeito de iconicidade, um recurso argumentativo que tem por objetivo fazer com que o enunciatário, representado aqui pelo indígena, aceite os valores até então não comuns que o enunciador católico, caracterizado pelo não-índio, dispõe-se a partilhar.

Vemos também uma mesa, ícone presente caracterizando a possibilidade de ser um altar dentro de uma igreja católica. O que também nos chama a atenção é a presença de um quadro negro com o desenho de um campo de futebol, comum para os índios da aldeia citada,

mas que para a cultura religiosa do homem branco seria uma profanação de um ambiente sagrado.

Greimas (2002, p.73-97) considera a fenomenologia e as categorias plásticas enquanto unidade discursiva, uma mensagem visual que pode ser decomposta em unidades sintáticas e semânticas menores, permitindo compreender noções de sentido e significados, possibilitando postular considerações a respeito da poética visual das imagens analisadas.

Notamos que as imagens são verticais, destacando os objetos em cena que possuem formas geométricas de retas; o ambiente possui luminosidade e é cromático, prevalecendo as cores branca, marrom e verde.

Quanto à forma, que pode ser descrita mediante a categoria eidética *homogêneo vs. heterogêneo*, podemos opor a estrutura arquitetural de uma construção comum dos elementos religioso - cruces. Os elementos sacros são associados à forma *heterogeneidade* em relação ao local na qual estão inseridos, dentro de uma aldeia indígena, distintos das celebrações sacras. No que diz respeito à categoria plástica topológica, temos a articulação entre *vertical* (objetos religiosos) e *horizontal* (plano de fundo da Igreja).



Nossa Senhora com o menino Jesus - Indígenas.

Nesta imagem, reconhecemos uma personificação da imagem sagrada de Nossa Senhora com o menino Jesus. O que essa vem nos mostrar tendo como esteio a formação ideológica indígena é que, uma cultura com traços de culto aos deuses que representam a natureza passou a tomar para si conceitos religiosos da cultura com a qual tem contato direto, a cultura do não índio.

É possível dizer atualmente que abordar ou estudar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu modo de produção de sentido, ou seja, a maneira como provocam significações, isto é, interpretações. De fato, um signo só é “signo” se “expressar ideias” e se provocar na mente daquele ou daqueles que o percebem uma atitude interpretativa. (JOLY, 2004, p.29)

A imagem representativa do objeto quadro mostra o sincretismo religioso - união de doutrinas ou concepções heterogêneas; fusão de elementos culturais diferentes ou até antagônicos, em um só elemento – entre uma imagem sagrada da igreja católica e as feições indígenas para que fosse possível um reconhecimento do índio perante a imagem idolatrada. Isso representa a valorização de seu povo, mas ao mesmo tempo verificamos que determinados costumes foram perdidos como os cultos aos deuses.

O objeto enunciatário quadro, tem as cores e formas parecidas com o quadro original, fato que nos remete ao mesmo. As cores são azul, rosa e amarelo (auréola) que sinalizam como cores suaves que nos remetem à calma de como deve ser um painel religioso.

Considerações Finais.

A semiótica preocupa-se com diversas modalidades de representação, sejam elas verbais, sonoras ou visuais. Propõe-se a ir além das matrizes lingüísticas, atentando-se para elementos que não se configuram imediatamente no domínio da linguagem verbal, mas se confinam num domínio que a transcende.

A exposição precedente mostra-nos a riqueza de detalhes que as ferramentas da semiótica nos proporcionam. Com efeito, a semiótica possibilita a elaboração de uma estrutura, na qual as diversas faces do objeto em estudo, as imagens, podem ser analisadas e interpretadas. Não acrescenta o que já não se encontra no objeto, mas permite sua revelação a partir de várias dimensões.

Por meio da imagem, objeto utilizado nesse estudo, que conseguimos assimilar os novos fazeres culturais indígenas. Não mais cultivados como na época da colonização, estudada pelos manuais didáticos, o que notamos hoje são novas sínteses culturais e novas formas de manifestação em todos os âmbitos da sociedade indígena, principalmente no religioso.

Referências bibliográficas

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da Imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002

HUNTINGTON, Samuel P. *As Civilizações na História e na Antiguidade*. IN_: *O choque de Civilizações*. São Paulo: Objetiva, 1996, p.44-64.

JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*. Tradução de Marina Appenzeller. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

LELLIS, Mirian Barreto. *Imagética da Aldeia Cachoeira*. 2011. 1 álbum (60 fotos): color; 10 x 15.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e Filosofia*. Trad. Octanny S. da Mora e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. *Semiótica*. Trad. J. Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SANTAELLA, Lucia. *A Teoria Geral dos Signos*. 2 ed. São Paulo, SP: Guazelli, 2000.

_____. *O Que é Semiótica*. 1 ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

_____. *Semiótica Aplicada*. 1 ed. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SOUZA, Lucia Soares. *A sociossemiótica. A semiótica triádica de Peirce. Semiótica global, pós-moderna e pós-colonial*. In: *Semiótica: Introdução às Teorias Semióticas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.